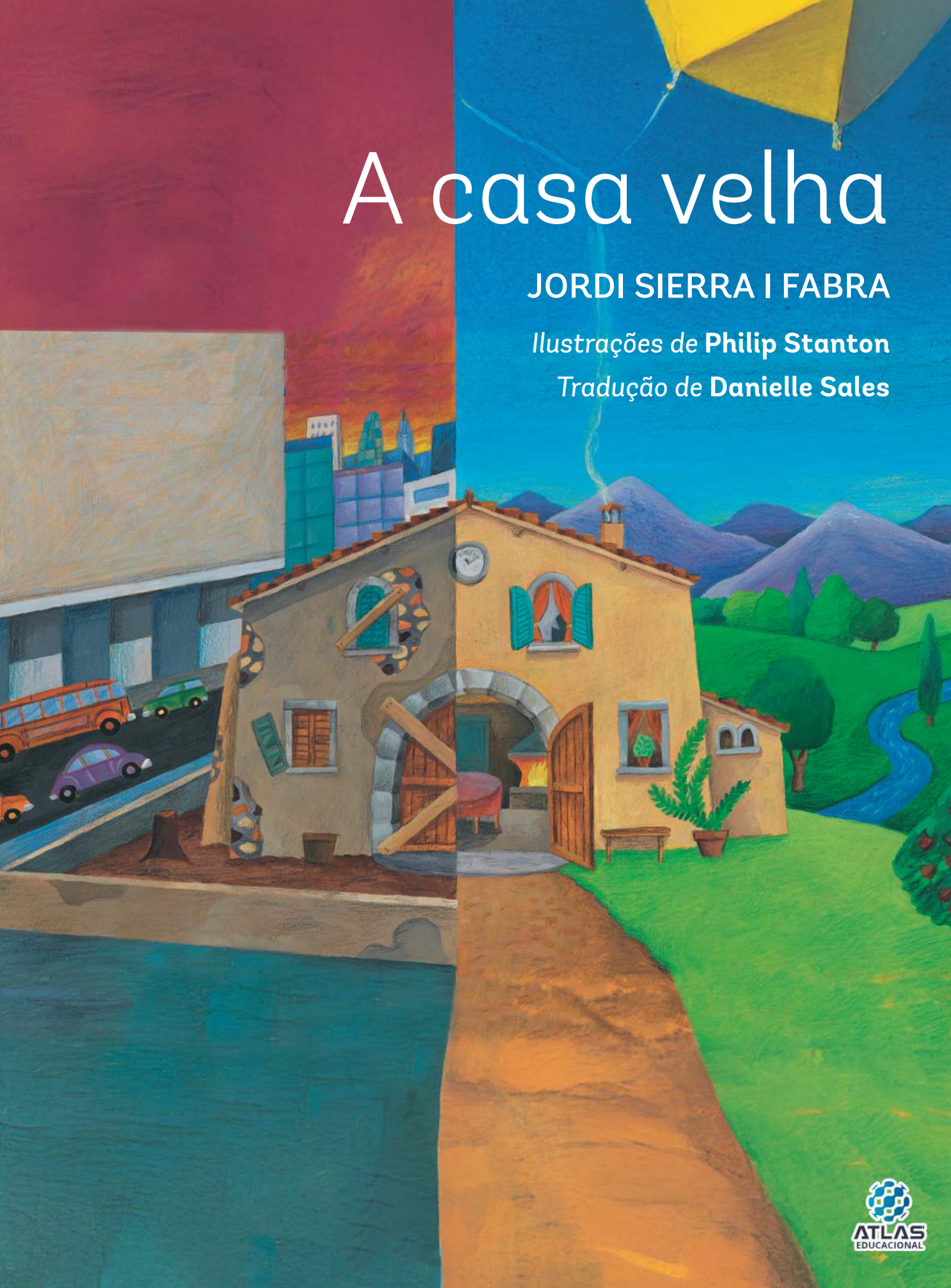


A casa velha

JORDI SIERRA I FABRA

Ilustrações de Philip Stanton

Tradução de Danielle Sales



A casa velha



© Texto de Jordi Sierra i Fabra
© Ilustrações de Philip Stanton
© Tradução de Danielle Sales

Obra editada em colaboração com Editorial
Planeta Chile e Editorial Planeta S.A.U.

Preparação e Revisão

Italo Mesquita

Diagramação

Franz Demian

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sierra i Fabra, Jordi, 1947-

A casa velha / Jordi Sierra i Fabra ; ilustrações de Philip
Stanton ; tradução de Danielle Sales. -- 2. ed. -- São Paulo :
Atlas Educacional, 2025.

48 p. : il.

ISBN 978-65-5535-874-2

Título original: La casa vieja

1. Literatura infantojuvenil espanhola I. Título II. Stanton,
Philip III. Sales, Danielle

25-4277

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil espanhola

2ª edição, 2025



Todos os direitos desta edição reservados à Atlas Educacional - Cursos E Treina-
mentos Ltda.

Rua Pirajá da Silva, nº 112 - Alto da Boa Vista
Ribeirão Preto/SP
(16) 99605-6656
cursos@atlaseducacional.com
<https://www.atlaseducacional.com>

A casa velha

JORDI SIERRA I FABRA

Ilustrações de **Philip Stanton**

Tradução de **Danielle Sales**





*Para Paola e Caterina, que cresceram ouvindo esta história;
para Patrizia, Marta e especialmente Jordi por sua amizade e paciência.*

P.S.





No princípio, cem ou duzentos anos atrás, a casa era solitária.

Solitária no meio de um lindo vale.





A cidade parecia se estender ao longe, bem ao longe. Seus habitantes, quando queriam ter um dia de descanso, passeavam pelos arredores da casa, pelo campo. À sua volta havia jardins, bosques, um riacho e a luta diária da mãe natureza para reforçar a própria vida.

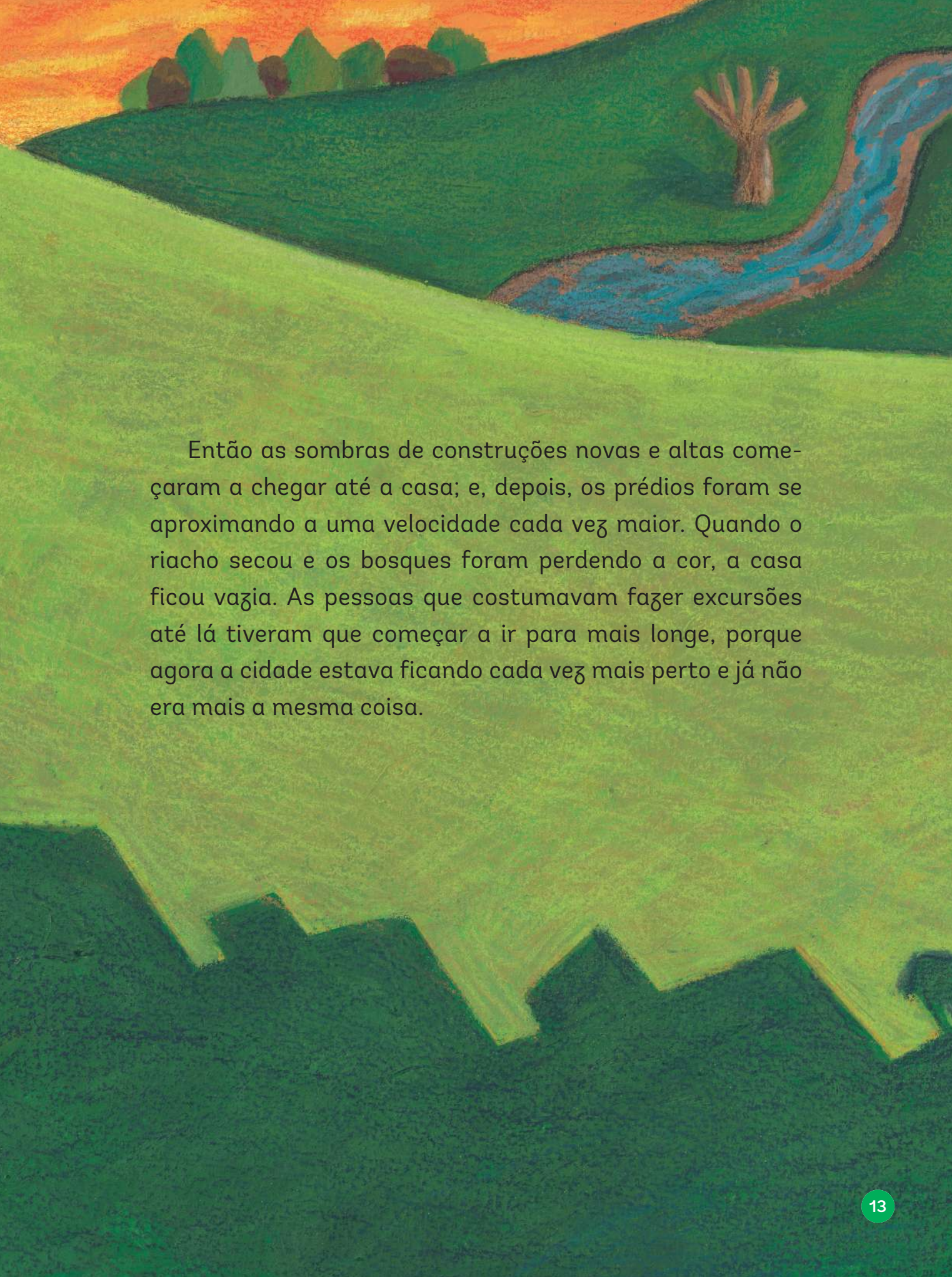
Certamente era um lugar bonito, e a casa era o centro de tudo. Todos olhavam para ela com orgulho. Por trás de suas grossas paredes, homens e mulheres haviam se protegido do calor ou do frio, e as crianças sempre souberam que, lá dentro, havia alguém disposto a dar-lhes um pouco de água de seu profundo e famoso poço. Havia muita história guardada naquele lugar.

Aquela era uma casa especial.

E, claro, tudo isso aconteceu há muito tempo.

Aos poucos, a cidade foi crescendo, expandindo-se como um vírus.





Então as sombras de construções novas e altas começaram a chegar até a casa; e, depois, os prédios foram se aproximando a uma velocidade cada vez maior. Quando o riacho secou e os bosques foram perdendo a cor, a casa ficou vazia. As pessoas que costumavam fazer excursões até lá tiveram que começar a ir para mais longe, porque agora a cidade estava ficando cada vez mais perto e já não era mais a mesma coisa.



Como a casa estava abandonada, com o passar do tempo a pobrezinha adquiriu um aspecto muito diferente daquele que apresentava em seus melhores dias. A poeira tomou conta de seu interior, o poço deixou de dar água e as crianças da vizinhança quebraram suas janelas e arreventaram suas portas. Até as paredes perderam a cor original e algumas começaram a descascar.



Uma ruína gradual, produzida pela poluição e pela degradação do meio ambiente, começava a envolver o que em outros tempos havia sido uma verdadeira joia. Quando a cidade chegou até a casa, todos começaram a ignorá-la.

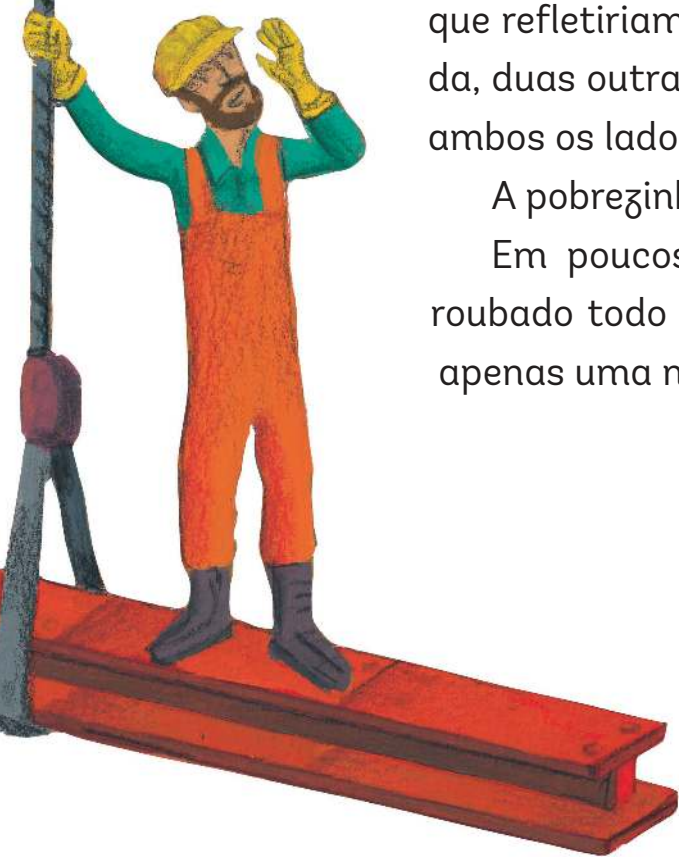
E, quando a casa foi engolida pela cidade, tornou-se um incômodo.

A casa velha estava com seu coração, feito de madeira e pedra, tão triste que não se atrevia a dizer nada.

Certo dia, abriram uma rua atrás da casa. Logo depois, abriram outra na frente dela. Depois de alguns meses, um monte de pedreiros começou a construir um prédio ultramoderno, elegante e bonito... diferente de tudo do que se tinha por lá. Não passou muito tempo até que outro prédio fosse construído ao seu lado, mais alto, mais moderno, com uma estrutura de ferro e cimento que muito em breve seria coberta por milhares de janelas brilhantes que refletiriam a luz. Quando a obra foi concluída, duas outras ruas já haviam sido abertas em ambos os lados da casa velha.

A pobrezinha estava cercada.

Em poucos anos, os prédios altos tinham roubado todo o seu sol, e ela havia se tornado apenas uma minúscula porção do passado.







— Parece mentira, mas quem pensaria em deixar uma velharia dessas bem ali no meio?

— Um parque, é isso o que eles deveriam fazer. Um parque no qual as crianças que moram dentro da gente possam se divertir e ter bons momentos brincando nele.

— É um perigo, a casa está em ruínas.

Os prédios não sabiam para onde olhar. A casa velha os incomodava.

Eles fingiam ignorá-la.





Mas a casa velha, quando mexiam muito com ela, por uma questão de dignidade tentava se defender.

— Bem, eu já estava aqui há muitos anos, quando vocês não eram nem mesmo um projeto na mente de um arquiteto. Não entendo por que incomodo tanto vocês.

— Estes são os novos tempos, pequena — disse o prédio mais mirabolante da região.

— Qualquer um sabe que o velho deve desaparecer para dar lugar ao novo. O que você acha? Que não seremos derrubados algum dia, para que os prédios do futuro possam ser construídos em nosso lugar?

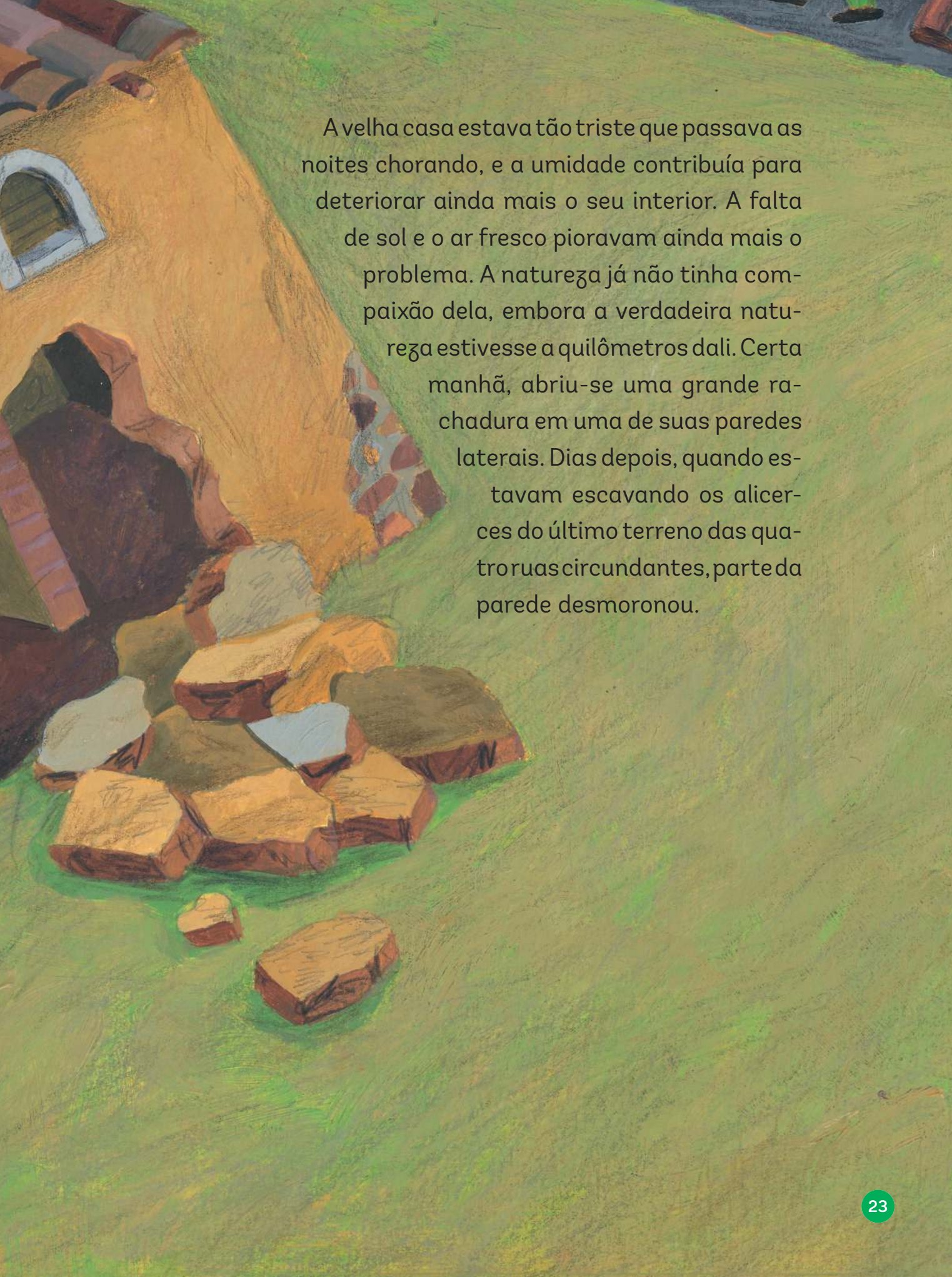
— Mas por quê? Qual é a necessidade de destruir o que já foi bonito e útil um dia?

— Você é tão antiquada — um outro prédio zombou dela.

— O que esperar de uma casa que deve ter quase trezentos anos? — um outro prédio rosnou.

— Nessa idade, elas ficam gagás e não entendem mais nada.





A velha casa estava tão triste que passava as noites chorando, e a umidade contribuía para deteriorar ainda mais o seu interior. A falta de sol e o ar fresco pioravam ainda mais o problema. A natureza já não tinha compaixão dela, embora a verdadeira natureza estivesse a quilômetros dali. Certa manhã, abriu-se uma grande rachadura em uma de suas paredes laterais. Dias depois, quando estavam escavando os alicerces do último terreno das quatro ruas circundantes, parte da parede desmoronou.

Aquela foi a gota d'água que faltava para acabar com a paciência das construções que a cercavam.

— Ainda bem que ninguém estava passando por ali naquela hora, senão...!

— Uma assassina, isso é o que ela seria!

— O que a prefeitura está esperando para demolir essa casa?

— Alguém precisa fazer alguma coisa.

— Sim, sim, algo precisa ser feito!

Murmúrios de desaprovação pairavam no ar. A casa velha (ou o que restava dela) parecia perdida.

Nas vigas carcomidas de sua memória, ela invocou imagens de tempos já muito distantes, quando ao seu redor irradiava vida, e em seus dias de descanso as pessoas organizavam piqueniques em seus arredores e as crianças brincavam felizes, enchendo tudo de alegria com suas canções.

— E pensar que, quando vi aparecerem as primeiras casas da cidade sobre o morro, lá longe, fiquei feliz e contente por ter companhia.

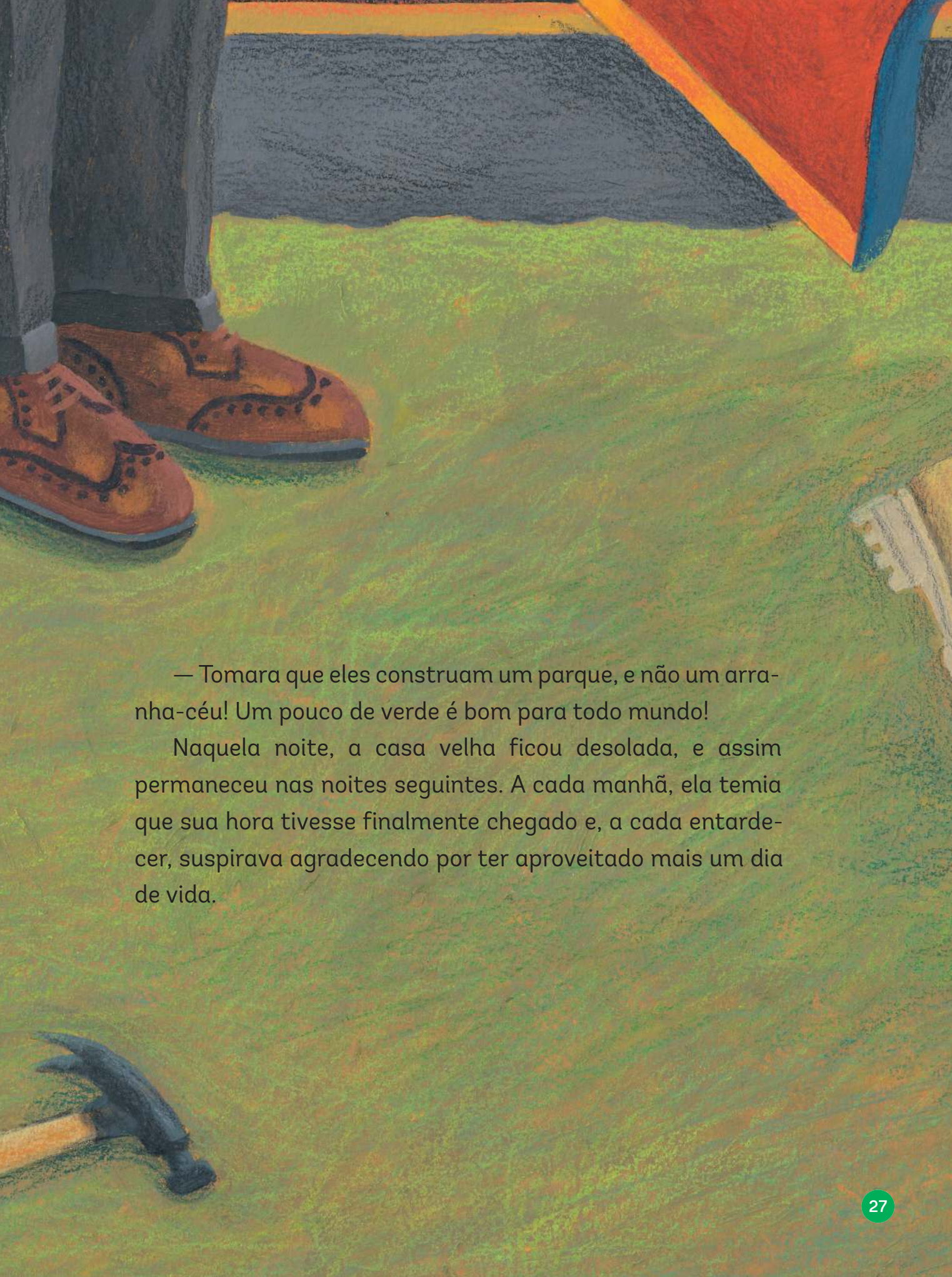




Alguns dias depois de parte da parede ter desmoronado, um carro brilhante parou na frente da casa e três homens saíram dele. Todos os prédios ficaram em silêncio, olhando com expectativa, e a casa velha permaneceu horrorizada. Os três homens entraram na casa, tatearam suas paredes e olharam por suas janelas. Quando partiram, os prédios ficaram muito felizes.

— Finalmente!

— A gente já não aguentava mais!



— Tomara que eles construam um parque, e não um arranha-céu! Um pouco de verde é bom para todo mundo!

Naquela noite, a casa velha ficou desolada, e assim permaneceu nas noites seguintes. A cada manhã, ela temia que sua hora tivesse finalmente chegado e, a cada entardecer, suspirava agradecendo por ter aproveitado mais um dia de vida.



Finalmente, em uma certa manhã, os acontecimentos chegaram ao seu auge.

Primeiro, outro carro brilhante chegou. Em seguida, um monte de caminhões, máquinas e trabalhadores carregados de ferramentas. Todos cercaram a casa velha, observando-a em silêncio.

Ela tremeu tanto que surgiram outras rachaduras e algumas pedras rolaram pelas paredes.

Os prédios acompanhavam tudo o que estava acontecendo, tensos.

No fundo, alguns deles ficaram impressionados.

O que estava para acontecer não seria nada agradável.

Agora, eles estavam arrependidos de suas palavras.

Então a voz de um dos homens gritou:

— Tudo bem, vamos em frente!



Os trabalhadores avançaram com martelos, picaretas e pás nas mãos. A casa velha fechou os olhos. Esperou o golpe, a primeira pancada. E de repente ela sentiu cócegas em sua fachada, e depois na parte de trás. Sentiu uma coceirinha no primeiro andar e no quintal. Quando abriu os olhos, mal conseguia entender o que estava acontecendo.

Os operários não estavam usando seus martelos pesados nem suas picaretas afiadas. Estavam vasculhando suas paredes escuras, retirando delas os restos de umidade e poluição. Limparam tudo. E a mesma coisa aconteceu em seu interior. Ninguém destruiu suas velhas vigas. Muito pelo contrário, eles as estavam reforçando.

A casa velha olhou para os prédios ao redor, e em todos eles viu o mesmo ar de incompreensão.



Por dias, semanas e meses, a casa foi reconstruída lenta e pacientemente.

Ninguém entendia nada, muito menos a casa, que já não era tão velha à medida que o tempo passava. Os chefes dos grupos de trabalho falavam sobre reforçar aqui e pintar ali, quebrar mais um pedaço do reboco da parede ou limpar bem as ferragens das varandas.



O grande momento aconteceu quando outra longa fila de caminhões começou a trazer móveis antigos. Além de ser reconstruída, a casa foi mobiliada e instalaram luz elétrica. Até fizeram com que o poço voltasse a ter água!





— O que vocês acham disso? — um prédio rosnou.
— Está ficando muito bom, não? — um outro hesitou.
— Sim — concordou um terceiro. Quase melhor do que um parque.

— Está muito bonita.

— E agradável.

— Ah, sim...

A casa havia voltado a brilhar, estava radiante e, quando os trabalhadores partiram, tudo nela era bonito, com paredes limpas, pintadas e restauradas, além do pátio interior ter sido transformado em um jardim cheio de flores.

E então veio a grande revelação final.





Um dia, os arredores da casa foram enfeitados com guirlandas e até os prédios das quatro ruas que a circundavam foram vestidos com a maior elegância. Suas janelas estavam cheias de gente e centenas de bandeiras os envolviam. O que estava acontecendo? A expectativa cresceu quando carros pretos luxuosos pararam na frente da casa e deles saíram o prefeito, os membros do conselho e as mais importantes personalidades da cidade e do país. Enquanto isso, tanto povo reunido nas ruas, quanto prédios altos aplaudiam felizes.

Houve discursos, solenidades e bastante alegria. Por fim, uma placa foi revelada no meio da comemoração.



Então a velha casa soube que tinha sido transformada em um Monumento Público, um Patrimônio Mundial, Local de Interesse Turístico, Museu Nacional, entre outros títulos.

E ainda descobriu que ter uma idade avançada não significava seu fim, era apenas um sinal de sua importância.

Os prédios que, pouco a pouco, a haviam diminuído e a depreciado, agora estavam chocados. Aquilo era melhor do que um parque. Melhor ainda que sua demolição. Aquilo era...

— Estamos na melhor região da cidade — disse, por fim, um deles. — Temos à nossa frente a casa mais antiga e bonita dos arredores.

— No fundo, sempre tive certeza de que ela tinha um valor escondido – apontou outro.

— Ah, sim, isso era óbvio. Dava para ver que tinha classe — afirmou uma terceira construção.



A casa velha olhou para eles com humildade. Não guardava rancor, mesmo que eles tivessem feito mal a ela em muitas ocasiões. Ela sabia que os jovens podem ser meio bobos e nem sempre lidam bem com seus impulsos.

— Afinal de contas — ela disse suspirando —, mesmo que não haja mais campos verdes e tudo esteja tão diferente, este ainda é um bom lugar. Sempre morei aqui, neste solo.

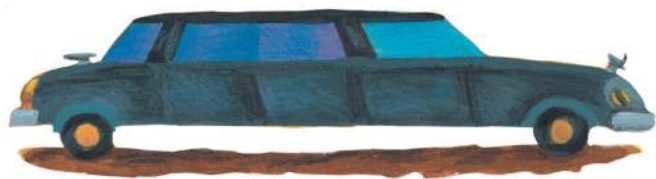
Desde esse dia, a casa velha se tornou a joia do bairro e da cidade. Sua experiência agora servia aos prédios novos ao redor ou aos que iam surgindo atrás deles. Em pouco tempo, todos aprenderam a amá-la e respeitá-la.

E mais ainda: aprenderam a entender o valor de todas as coisas: grandes ou pequenas, novas ou... velhas.









Os autores

Jordi Sierra i Fabra

Nasceu em Barcelona, em 1947. É um dos autores mais publicados e lidos em espanhol e já foi traduzido para mais de vinte idiomas. Já recebeu cerca de vinte prêmios por seu trabalho, como o *The White Ravens*; já esteve na lista de honra da *Revista CLIJ*; ganhou o Prêmio Edebé de Literatura Infantil 1994 e 2006, o Prêmio *Barco a Vapor* 1998 e 2010, o Prêmio *A la Orilla del Viento* 1999, o Prêmio Nacional de Literatura Infantil e Juventude da Espanha 2007 e esteve na Lista de Honra *Ibby* 2005 e 2011.

Philip Stanton

Nasceu em Ohio, nos Estados Unidos, em 1962. Mestre em Belas Artes pela *School of Visual Arts* de Nova York, dedicou-se ao *design*, à pintura e à ilustração. Seu trabalho inclui projetos urbanos, livros infantis, cenografias e campanhas publicitárias. Participou de mais de sessenta exposições, colabora com jornais e revistas e, como ilustrador, publicou quase quarenta livros em editoras de todo o mundo.







Antes, a casa velha era cercada por belas paisagens. Agora, tem à sua volta prédios cinzas que a sufocam. As novas construções e as pessoas da cidade zombam dela porque ela é antiga e pequena. Mas as coisas estão prestes a mudar!

